

Ser ou ter um corpo? O problema entre o psíquico e o somático, a partir da metapsicologia freudiana

Being or having a body? The problem between the psychic and the somatic from the point of view of the Freudian metapsychology

Ligia Maria Durski¹

Resumo

A metapsicologia freudiana nos brinda com riquíssimas reflexões sobre as relações entre aparelho psíquico e corpo orgânico. Reflexões estas muito pertinentes para o avanço de pesquisas na área da saúde, que necessitem de uma maior compreensão sobre a clássica dicotomia “Corpo X Mente”. Este artigo realiza, pois, alguns apontamentos acerca de tal dicotomia, especificamente, a partir das viradas teóricas pelas quais Freud passou ao longo de sua obra, no que tange à questão do desenvolvimento humano, nas suas vertentes psíquica e somática. Para tanto, decidimos organizar este texto, seguindo a trilha da teoria pulsional freudiana, priorizando, assim, especialmente o vértice econômico da sua metapsicologia.

Palavras-chaves: Psicanálise. Metapsicologia freudiana e corpo.

Summary

The Freudian metapsychology brings us many grateful reflexions about the relations between the psychic apparatus and the organic body. These reflections are pertinent to the advancement of researches that need a greater understanding on the classic dichotomy “Body X Mind”. Therefore, this article accomplish some notes about such subject from the demonstration of the theoretical changes that Freud passed through along his work, especially about the human development in its psych and somatic sides. That being, we decided to organize this text following the path of the Freudian pulsional theory, prioritizing mainly the economical aspect of Freud’s metapsychology.

Keywords: Psychoanalysis. Freudian metapsychology and body.

¹ Psicóloga, bacharel em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), mestre em Psicanálise pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e doutoranda em Psicanálise pela Universidade de São Paulo (USP). Email. ligiadurski@hotmail.com.

Introdução

Este artigo tem o objetivo de possibilitar uma visão geral do percurso freudiano acerca das relações entre aparelho psíquico e corpo orgânico. Como estratégia de articulação, dividiremos nosso trajeto em três partes, priorizando uma maneira didática de apresentar ao leitor o conteúdo abordado. As três partes se dividem da seguinte maneira:

1ª. Parte: resgate dos principais pressupostos que levaram Freud à formulação da chamada ‘primeira teoria pulsional’ (aproximadamente 1905);

2ª. Parte: definição da primeira teoria pulsional que se estende na obra freudiana, aproximadamente, entre os períodos de 1905 a 1920 (data do texto “Além do Princípio de Prazer”, que marca a chamada ‘segunda teoria pulsional’);

3ª. Parte: definição da chamada ‘segunda teoria pulsional freudiana’, que data de 1920 até o fim de sua obra (por volta de 1938).

Tendo, o leitor, conquistado a clareza das formulações freudianas, com o auxílio do percurso que possibilitaremos aqui (seguindo o fio condutor da teoria pulsional), acredita-se ser possível abrir questionamentos sobre a problemática psíquico/somático, com a fundamentação necessária para promover maior rigor na prática clínica.

Pois bem, após o desenvolvimento das três partes acima citadas, destacaremos, nas considerações finais, algumas consequências da metapsicologia freudiana, para uma reflexão sobre dispositivos clínicos que tratam de tal problemática.

Vale ressaltar ao leitor que, no que tange à problemática “corpo/mente”, contamos com um arcabouço incontável de autores e abordagens que enriquecem e avançam tal discussão. Nossa escolha, aqui, foi primar exclusivamente por uma introdução didática a tal problemática, a partir do destaque

do desenvolvimento freudiano da teoria pulsional. Pela riqueza da contribuição ao tema, este artigo sintetiza, pois, especificamente, o auxílio da teoria pulsional freudiana para a reflexão da problemática “Corpo X Mente” e tal elaboração é parte resultante de longo percurso de estudo teórico da autora, que culminou na conclusão de sua dissertação de mestrado intitulada “**Entre o psíquico e o somático – um estudo, a partir das obras de Freud e Winnicott, sobre os limites e as possibilidades da clínica psicanalítica**”². Caso o leitor interesse-se pelo avanço da linha de raciocínio aqui contida, é sugerida a leitura da referida dissertação, que compila, de forma mais abrangente, estudos e dados referentes à temática em destaque.

Primeira Parte: o Prelúdio da Primeira Teoria Pulsional Freudiana

Sendo que a obra freudiana se estende desde o final do século XIX até o final dos anos trinta, é imprescindível que qualquer estudioso em psicanálise saiba que, aproximadamente, 50 anos de trabalho, pesquisa, experiência analítica e reflexão, certamente, guardam evoluções, mudanças, reviravoltas e revisões. Assim, nesta seção do artigo, faremos um recorte do período entre 1893 e 1911, para verificarmos algumas elaborações teóricas de Freud que “prepararam” caminho para sua definição da chamada primeira teoria pulsional freudiana.

Façamos, primeiramente, uma síntese do conceito de pulsão, para e do que o levou a ter de forjar tal conceito. Pois bem, ao longo de sua obra, Freud realiza o exercício árduo de identificar em quais categorias gerais poderíamos localizar as forças que subjazem ao organismo vivo. No início de sua clínica com pacientes histéricos, fazendo uso da técnica de hipnose e estudando a formação dos sonhos, Freud constatou a existência

² DURSKI, L. M. (2011). Orientada pela Prof. Dra. Nadja Nara Barbosa Pinheiro. Universidade Federal do Paraná (UFPR).

de um movimento, por ele, nomeado de economia psíquica, que tinha por base buscar prazer e evitar o desprazer. Assim, Freud notou uma tendência do ser humano, desde tenra idade, a movimentar-se com o intuito de satisfazer premências. De início, Freud propôs, então, diferenciar estas premências entre “internas” e “externas”. Com relação às forças internas, ele organizou o conceito de pulsão, que é descrito como um conceito-limite entre o psíquico e o somático. O conceito de pulsão assinala, pois, uma “medida de exigência de trabalho [feita] ao psíquico, em consequência de sua relação com o corpo” (FREUD, 1915 2004c, p. 148). Com o intuito de caracterizar a importância da premência pulsional, especialmente, no que tange à questão da economia psíquica, Freud chega às seguintes asserções:

Portanto, inicialmente, podemos descrever a essência da pulsão, a partir de suas principais características: sua proveniência de fontes de estímulo no interior do organismo e sua manifestação constante. Daí, podemos deduzir uma de suas outras marcas distintivas, isto é, que, mesmo as ações de fuga não conseguem eliminá-la, ela é irremovível. [...] [Partindo da premissa de que] o sistema nervoso é um aparelho ao qual foi conferida a função de livrar-se dos estímulos que lhe chegam, de reduzi-los a um nível tão baixo quanto possível, de manter-se absolutamente livre de estímulos [...] a introdução das pulsões complica o reflexo fisiológico [pois o estímulo pulsional exerce pressão constante e provém do interior do organismo]. [...] [Os estímulos pulsionais] impõem ao sistema nervoso exigências muito mais elevadas. Incitam-no a assumir atividades complexas e articuladas umas com as outras, as quais visam a obter do mundo externo os elementos para a saciação das fontes internas de estímulos, os estímulos pulsionais obrigam o sistema nervoso a renunciar a **seu propósito ideal de manter todos os estímulos**

afastados de si, pois os estímulos de natureza pulsional prosseguem afluindo de modo contínuo e inevitável. Podemos, então, concluir que são as pulsões, e não os estímulos externos, os verdadeiros motores dos progressos que levaram o sistema nervoso, com sua capacidade de realizações ilimitadas, a seu atual nível de desenvolvimento. É claro que nada nos impede de considerar que as próprias pulsões, ao menos em parte, sejam precipitadas da ação de estímulos externos que, no curso da filogênese, modificaram a substância viva. (FREUD, 1915, 2004c, p. 148, grifo nosso).

A pulsão fica, assim, definida, por Freud em 1915, como “o representante psíquico dos estímulos que provém do corpo e alcançam a psique” (FREUD, 1915, 2004c, p. 148)³.

Deste modo, como é possível observar com clareza a partir das asserções e citações anteriores, certamente, ao seguirmos a trilha da pulsão, ao longo do desenvolvimento da obra freudiana, facilitaremos ao leitor a compreensão de como Freud nos auxilia a discutir a questão psíquico/somático.

Pois bem, voltemos um pouco no tempo, no ano de 1893, Freud publica um texto no qual realiza uma comparação entre as paralisias orgânicas e as paralisias histéricas e, ao fim desta elucubração, conclui algo importante: a paralisia histérica, diferentemente da orgânica,

[...] ignora a distribuição dos nervos, e é por isso que ela não simula paralisias periférico-medulares ou paralisias em projeção. [...] *Ela toma os órgãos pelo sentido comum, popular, dos nomes que eles têm*: a perna é a perna até sua inserção no quadril, o braço é o membro superior tal como aparece visível sob a roupa. (FREUD, 1893, 1969a, p. 234, grifo nosso).

³ No âmbito psicanalítico brasileiro, contamos com alguns problemas de tradução da obra freudiana. A tradução mais utilizada, até os dias atuais, é a da Edição Standard Brasileira. Porém, a Edição Standard é uma “tradução da tradução”, cuja qual passou do alemão, para o inglês, para somente, então, ser traduzida para o português. Apesar disso, esta tradução é a mais acessível ao leitor brasileiro e, por isso, mais utilizada. Embora seja claro que muito se perde com uma tradução direta, imaginemos o quanto se perde, quando um texto passa por duas traduções? Pois bem, com isso, buscamos neste artigo utilizar edições especiais das obras de Freud que fossem traduções diretas. Assim, com relação aos textos freudianos “A Interpretação dos Sonhos (1900)” e “Os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905)”, utilizamos edições especiais; com relação aos textos que datam entre 1915 e 1924, utilizamos as traduções direta do alemão de Luiz Alberto Hans, e, com relação aos outros quatro textos acessados, utilizamos a Edição Standard Brasileira. Deste modo, advertimos o leitor, especialmente nos textos da Edição Standard Brasileira, sobre a tendência a observamos objeções em certas terminologias, em especial a certa indiferenciação da tradução para os termos: “mental”, “psíquico” e “esfera psíquica”.

Ora, Freud começa a notar que foi a partir de ‘ideias perturbadoras’ que não tinham acesso livre à consciência que a soma de excitação de tal ideia era transformada em “alguma coisa somática”. Vejamos outro texto freudiano, de 1894: “[...] na histeria, a ideia incompatível é tornada inócua pelas transformações da soma de excitação *em alguma coisa somática*. Para isso, eu gostaria de propor o nome conversão”. (FREUD, 1894, 1969a, p. 61, grifo nosso). Inclusive, aí está a primeira vez que Freud utiliza a palavra ‘conversão’ em sua obra.

Freud faz uso, nesse momento de sua obra, de nomenclaturas tais como “esfera psíquica” e “esfera física”, para apontar que uma soma de energia pode sofrer transformações de uma “esfera” a outra. Vemos o início das reflexões do autor acerca de um ponto de vista econômico/energético e dinâmico que embasará a futura metapsicologia freudiana.

A conversão na histeria faz, pois, com que Freud anuncie que esse “[...] distúrbio repousa na região onde se vinculam o somático e o mental”. (FREUD, 1894, 1969a, p. 63) e essas ideias continuarão presentes em sua obra, sendo que, em 1898, no texto *Histeria* (1898), elas são reiteradas, reafirmando serem os distúrbios histéricos “[...] em parte, de natureza física e, em parte, de natureza diretamente psíquica.” (FREUD, 1898, 1969c, p. 100, grifo nosso), denotando, novamente, que, nesse período inicial, a questão “psíquico/somático estava significativamente presente em suas reflexões sobre a clínica.

Ocorre que Freud começa a estabelecer a noção de “economia de excitações”, noção esta inferida, especialmente, a partir dos estudos sobre a histeria, a neurose de angústia e os sonhos. Sobre isso, dois textos específicos servem de base para compreendermos melhor essa questão da “economia de excitação”, nesse início de produção teórica: o “Projeto para uma Psicologia Científica” (1895 -

1969) e “A Interpretação dos Sonhos” (1900 2004a). Ambos contêm as pistas que permitem entender porque Freud, a partir dessa ideia de “economia de excitação”, acabou – anos depois - por ser levado a compor uma teoria pulsional.

Freud percebeu que, se quiséssemos justificar evidências tanto das psiconeuroses como da alternância normal entre estados de vigília e de sono, era imperativo pensar em termos de “modos de lidar com as excitações”, pois parecia que estes estados demonstravam justamente algo relacionado a um “jogo de forças travado dentro de nós”. Vejamos isso, quando Freud resume o que seu estudo sobre os sonhos possibilitou:

Através da análise dos sonhos, podemos dar um passo à frente em nosso entendimento da composição desse que é o mais maravilhoso e mais misterioso de todos os instrumentos [*o aparelho psíquico*]. Apenas um pequeno passo, sem dúvida, mas já é um começo. E esse começo nos permitirá levar sua análise mais adiante, com base em outras estruturas que devem ser chamadas de patológicas. É que as enfermidades - ao menos as que são corretamente denominadas “funcionais” - não pressupõem a desintegração do aparelho ou a produção de novas divisões em seu interior. Elas devem ser explicadas *em termos dinâmicos*, pelo fortalecimento e enfraquecimento dos diversos componentes *da integração de forças*, da qual tantos efeitos ficam ocultos, enquanto as funções permanecem normais. (FREUD, 1900, 2004a, p. 581, grifo nosso).

Aí está mais uma citação que nos permite evidenciar o viés dinâmico do que se concretizará como a metapsicologia freudiana. Vemos, pois, que, na patologia (como bem diz Freud, “ao menos nas que são correntemente denominadas “funcionais”), o que está em jogo é a dinâmica da economia da excitação e não a ocorrência ou fim de divisões no aparelho psíquico. Em outras palavras, em termos de patologia psíquica (neurose, psicose e perversão) e de algumas patologias físicas (a exemplo da conversão histérica), Freud lança um novo olhar para a gênese da formação dos sintomas⁴, afirmando, em resumo,

⁴ Lembrando o leitor que, obviamente, doenças somáticas e/ou mentais decorrentes de lesões físicas não estão incluídas nestas ponderações.

que o “normal” e o “anormal” só se diferenciam, aqui, em termos de proporção de aplicação de excitação e não em termos de diferentes estruturas mentais – a estrutura é a mesma, o que muda é a proporção da excitação ligada às suas diferentes partes.

Ora, Freud percebe, então, uma tendência sobressalente do aparelho psíquico, em livrar-se das excitações pela via motora. O problema é que as excitações são oriundas de dois sentidos: o externo e o interno. Sendo que, quanto ao último, a resposta de fuga não é eficaz. O ser humano é, então, obrigado a tentar “lidar” com as excitações, especialmente, as internas (pois exercem pressão constante) e, justamente nisso, está a base para a criação de novos dispositivos, tais como: aguardar para ser satisfeito, modificar o mundo externo para alcançar satisfação, desenvolver a atenção, a memória, o planejamento, o pensamento, etc. Aqui, nossos órgãos da percepção ocupam lugar central e servem como “peneira” de informações, tanto do mundo interno, quanto externo (mundos que, num período inicial do desenvolvimento humano, ainda não foram diferenciados pelo bebê). Acontece que há um “marcador” psíquico, por assim dizer, que funciona como bússola primordial daquilo que o ser humano – especialmente nesse início de desenvolvimento – escolherá “tomar para si” ou afastar-se: as sensações prazer/desprazer. Aquilo que causa prazer, o ser humano tenderá a aproximar-se e aquilo que causa despreazer, tenderá a afastar-se.

Assim, será no texto “Os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” (1905/1997) que ficará, oficialmente, marcada na obra freudiana a chamada “primeira teoria pulsional”, texto este fundamental, aqui, por conter a primeira aparição da palavra *pulsão* nos escritos de Freud e por demonstrar, claramente, que a relação prazer/desprazer está vinculada não somente a essa recém formulada “teoria pulsional”, mas, também, – de modo mais amplo - à concepção freudiana de aparelho psíquico e às relações psíquico/somático.

Vejamos, pois, do que trata a primeira teoria pulsional.

Segunda Parte: a Primeira Teoria Pulsional Freudiana.

Como pudemos ver, até o ano de 1905, Freud estava às voltas com a ideia de uma “economia de excitações” intrínseca ao funcionamento psíquico, com a clareza da importância da lógica prazer/desprazer para tal funcionamento e com a noção da questão dinâmica para pensarmos tanto a patologia quanto a dita normalidade no âmbito da psicologia. Ou seja, com referência à metapsicologia, as vertentes ‘econômica’ e ‘dinâmica’ estavam sendo fortemente clareadas e, justamente, quando a vertente ‘tópica’ viesse à tona com maior intensidade (quando da teorização do narcisismo), Freud iria ver-se compelido a rever sua primeira teoria pulsional, resultando essa revisão na chamada segunda teoria pulsional freudiana. Contudo, façamos, antes, uma descrição da primeira teoria das pulsões.

Freud, em sua obra, sempre deixou claro seu intuito de verificar quais seriam as pulsões originais, fundamentais, que se desmembrariam, secundariamente, nas, então, nomeadas pulsões parciais. Ou seja, Freud queria saber se os “conteúdos pulsionais tão especializados não deveriam ser retroativamente decompostos na direção das fontes pulsionais, a fim de se chegar às pulsões originais, àquelas não mais divisíveis, e atribuir apenas a estas uma efetiva importância.” (FREUD, 1915, 2004c, p. 150).

Nesta busca, no ano de 1905, nos “Três Ensaios”, ele propôs uma “divisão-base” das pulsões: estariam agindo, em todo ser humano, dois tipos de pulsões, as pulsões sexuais e as pulsões do Eu. Expliquemos isto, pormenorizadamente.

De modo geral, Freud frisa, insistentemente nesse texto, a importância do fator sexual na vida psíquica de qualquer indivíduo, sendo este fator diretamente correlacionado com a relação prazer/desprazer, com a questão da meta de satisfação e presente desde a infância.

Para defender estas ideias, Freud começa nomeando de “pulsão”- que, em alemão, designa

tanto a sensação de uma necessidade quanto de uma satisfação - a força que impele nossas ações. Logo, essa ambiguidade da palavra pulsão, designando tanto algo da ordem de uma necessidade quanto de uma satisfação, parece ser uma tentativa de teorização daquilo que Freud percebeu ser uma força de origem somática, mas de efeitos tanto somáticos quanto psíquicos.

A partir do estudo de algumas manifestações da sexualidade humana, Freud vai, então, inferindo quais seriam essas “pulsões originais”. Assim, foi com o estudo das chamadas perversões positivas e negativas (sadismo/masoquismo e exibicionismo/voyerismo) que Freud pode chegar a uma importante constatação:

Por ‘pulsão’, podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do ‘estímulo’, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada uma medida de exigência de trabalho feita à vida anímica. (FREUD, 1905, 1997, p. 46, grifo nosso).

Ora, a citação acima corrobora com o que Freud, em 1915 (dez anos após os “Três Ensaios”), no texto “Pulsão e os Destinos da Pulsão”, desenvolveu de forma mais clara e madura, permitindo-o fortalecer as bases da noção de ‘narcisismo’ para psicanálise. Noção esta, vale sublinhar, fundamental na reflexão sobre a problemática psíquico/somático.

Pois bem, nesta busca pela configuração pulsional, Freud chega ao chamado autoerotismo – autoerotismo que se verifica, particularmente, nas relações intrínsecas às fases⁵ oral e anal descritas por Freud - e a questão que se apresenta aí é que o bebê

humano tende a buscar prazer no “próprio corpo”. A questão é, nesse ponto do amadurecimento humano, o bebê ainda não diferenciou mundo interno/externo (está em vias de realizá-lo). Fica notável, na obra freudiana, que, nessa altura, o bebê É um corpo, mas ainda não TEM um corpo.

Aliás, outro ponto fundamental para a psicanálise é a contínua presença do passado em nosso funcionamento, sua impossibilidade de “deletar” esse passado e, mesmo que tal conteúdo mantenha-se inconsciente, continua, também, produzindo efeitos na vida dos seres humanos. Sendo assim, essa “época” em que ainda não se “tinha” um corpo, que ainda não havia uma diferenciação mundo interno/mundo externo, continua viva em nosso psiquismo e aí está mais um sério apontamento aos profissionais da saúde: saibam que, de um modo ou de outro, consciente ou inconscientemente, acabam por agir no corpo e no psiquismo de seus pacientes, quer tenham o intuito de incidir apenas em um “campo” ou em outro. Isto posto, continuemos.

Freud começa, então, por seguir a pista da dualidade amor/egoísmo – quando se busca satisfação num objeto alheio ou quando se busca satisfação no próprio corpo – e afirma que somente na puberdade a pulsão sexual que “era predominantemente autoerótica: agora, encontra o objeto sexual”. (FREUD, 1905, 1997, p. 85, grifo nosso).

Assim, amor e egoísmo viriam a embasar a primeira teoria pulsional freudiana, que distingue duas supostas forças predominantes no ser humano: a que leva à própria sobrevivência e à que leva à sobrevivência da espécie, a necessidade e o amor, Eros e Ananke. Vejamos, pois, como essa dualidade fundamental foi formulada por Freud, até a época dos “Três Ensaios”.

⁵ A palavra “fase” pode induzir facilmente o leitor a erros interpretativos. Vale acrescentar aqui que, quando nos referimos às fases anal e oral, nos referimos a organizações pré-genitais da libido que, em maior ou menor grau, continuam produzindo efeitos no funcionamento psíquico humano. Ou seja, pedimos ao leitor para evitar interpretações desenvolvimentistas da palavra “fase”, pois não se trata aqui de uma fase que exclui a anterior, mas de certa “concomitância de fases” da organização libidinal humana.

Podemos, ainda, inteirar-nos, no tocante aos destinos da libido, de que ela é retirada dos objetos, mantém-se em suspenso em estados particulares de tensão e, por fim, é trazida de volta para o interior do ego, assim se reconvertendo em libido do ego. Em contraste com a libido de objeto, também chamamos a libido do ego de libido *narcísica*. [...] A libido narcísica ou do ego parece-nos ser o grande reservatório de onde partem as catexias de objeto e no qual elas voltam a ser recolhidas, e a catexia libidinal narcísica do ego se nos afigura como *o estado originário realizado na primeira infância, que é apenas encoberto pelas emissões posteriores de libido, mas no fundo se conserva por trás delas*. (FREUD, 1905, 1997, p. 95, grifo nosso).

Com isso, Freud afirma que – como podemos constatar claramente na citação acima - a essa altura, a psicanálise ainda "[...] não consegue estabelecer uma distinção imediata entre a libido e as outras formas de energia que operam no ego". (FREUD, 1905, 1997, p. 95).

Chegamos a um ponto limite, dentro da obra freudiana, e que marca uma nova fase em seus escritos, posto que, diante do dilema ao qual foi confrontado dentro dessa confusão entre libido do Eu e libido objetual, Freud precisou especular mais profundamente um tema específico: a formação do Eu. Freud desemboca, pois, na questão da tópica e, assim, realiza sérios avanços em sua metapsicologia.

O dilema se instaurara da seguinte forma: se o que qualificaria a pulsão sexual seria a busca de um objeto, então, na busca de si mesmo (narcisismo), esse “si mesmo” não tem estatuto de objeto? A primeira teoria pulsional começa a cair por terra e Freud precisou, afinal, se debruçar intensamente sobre o que é mesmo o narcisismo.

O narcisismo nos é, pois, imprescindível para darmos mais alguns passos na compreensão da economia pulsional, da formação do Eu e da implicação do corpo (orgânico) dentro destas relações.

Pois bem, com o avanço de seus estudos sobre as manifestações inconscientes, Freud percebeu, tanto no campo da “normalidade” como no campo da patologia, a ocorrência de uma desistência da

relação com a realidade, que seja de apenas uma parte da realidade como de toda ela. Partindo desta constatação, Freud nomeou de “narcisismo” o redirecionamento da libido do mundo externo (dos objetos) ao Eu.

Mas, devemos reinterar, o que Freud estava começando a perceber é que, também, o Eu pode ser um objeto de investimento psíquico (de investimento libidinal) e isso alteraria, drasticamente, a divisão/oposição feita entre pulsões do Eu e pulsões sexuais, posto que, na época de sua obra, as pulsões sexuais faziam referência a pulsões que buscam um objeto para se satisfazerem, diferentemente de outras pulsões, nomeadas pulsões do Eu. Vemos, aqui, novamente, que Freud utilizava a diferença entre Fome X Amor, ou entre Sobrevivência do indivíduo X Sobrevivência da espécie, para demonstrar a especificidade da diferença entre pulsões sexuais e pulsões do Eu.

Enveredado por essa divisão e curioso com a análise do Eu, será com o exemplo do delírio de grandeza - tão comum em casos de esquizofrenia - que Freud perceberá que este é tão somente o retorno a um estado primitivo que já existiu em todos nós e que pode se explicar, justamente, a partir de sua recém teorização sobre o narcisismo:

Na verdade, o delírio de grandeza em si não é nenhuma criação nova, mas, como sabemos, *a amplificação e explicitação de um estado que já existia antes*. Assim, esse narcisismo que se constituiu em chamar de novo para si os investimentos (catexia), anteriormente, depositados nos objetos, pode ser concebido como um narcisismo secundário, superposto a outro, primário. (FREUD, 1914, 2004b, p. 98, grifo nosso).

Temos, então, duas situações diferentes: 1) o narcisismo primário e 2) o narcisismo secundário. Para entender melhor a diferença entre estes dois tipos de narcisismo, é preciso destacar que Freud, nesse ponto de sua obra, na diferenciação sujeito-objeto (ou Eu – Mundo externo) e, por isso, alega que, somente após o investimento nos objetos, é possível discernir a pulsão sexual da pulsão do Eu, sendo que ambas, no narcisismo primário, coexistem e são indiscerníveis.

Ou seja, algumas patologias, nas quais era marcante a ocorrência de uma oposição entre investimento objetual e investimento no Eu, permitiram a Freud inferir a existência de um período inicial no qual essa oposição, ainda, não tinha se dado e, portanto, declarar que: “[...] é uma suposição necessária a de que uma unidade comparável ao Eu não esteja presente no indivíduo, desde o início; o Eu precisa, antes, ser desenvolvido.” (FREUD, 1914, 2004b, p. 99).

Assim sendo, não temos um Eu à priori, o que quer dizer que a diferenciação sujeito-objeto não está posta desde o início (pelo menos, não para o bebê). Vemos que Freud aponta – agora de forma mais clara - em sua obra, para um momento primordial de indiferenciação entre mundo interno-mundo externo, no qual o bebê nem ao menos sabe que tem um corpo, induzindo-nos a concluir que esse corpo precisará ser “construído”, representado. Em outras palavras, o bebê, nesse período inicial de desenvolvimento, ainda não se “apropriou” de seu próprio corpo, muito menos da existência de um mundo externo a ele.

Mas essa situação tende a mudar, pois o bebê começa a ter notícias do mundo externo - e concomitantemente do mundo interno - posto que vários estímulos, oriundos tanto de fora de seu corpo orgânico, como de dentro deste, inevitavelmente, o perturbarão.

Ao falarmos de Eu, estamos falando, pois, de uma aquisição não garantida, que tem por base primordial o corpo orgânico e as sensações de dele advêm. Será em 1923, no texto “O Eu e o Id”, que Freud explanará, mais claramente, sobre a tópica (no caso, a segunda tópica, resultante principalmente de suas construções acerca do narcisismo) e tornará, claros, os fatores que o fizeram rever sua primeira divisão pulsional (a saber, e adiantando ao leitor, da dualidade entre pulsão sexual e pulsão do Eu, para pulsão de vida e pulsão de morte). No entanto, voltemos um pouco no tempo.

Há, então, um momento de indiferenciação (nomeado de identificação primária) anterior à

formação do Eu e o que Freud percebe é que, especialmente com relação aos estímulos internos ao organismo, há...:

[...] *uma tendência a lidar com essas excitações internas, como se elas viessem do exterior, para poder utilizar contra elas os mesmos mecanismos de defesa empregados pela camada protetora externa contra os estímulos externos. Essa é a origem da projeção, que possui um papel tão importante na determinação dos processos patológicos.* (FREUD, 1920, 2006a, p. 153, grifo nosso).

Então, se é possível que algo interno seja tratado como se fosse de fora, começamos aí a perceber o núcleo de uma “externalidade na internalidade”, núcleo esse que pode nos ajudar a compreender um pouco mais sobre como pode o Eu ser tratado como objeto (ou seja, ser interno e externo ao mesmo tempo) e como pode nosso corpo orgânico fazer parte de nós (ser interno); porém, também, ganhar o estatuto de objeto (ser externo). Situação, aliás, que definitivamente quebra com a hipótese freudiana de uma divisão pulsional primordial entre pulsões sexuais e pulsões do Eu, uma vez que o próprio Eu pode ter estatuto de objeto.

Com isso, em seus novos avanços acerca da formação do Eu, Freud constata a intrínseca relação entre esta instância psíquica e o corpo orgânico:

[...] o Eu é, sobretudo, um Eu corporal, mas ele não é somente um ente de superfície: é, também, ele mesmo, a projeção de uma superfície. Isto é, em última instância, o Eu deriva de sensações corporais, basicamente daquelas que afloram da superfície do corpo. *Ele pode ser considerado, então, como uma projeção mental da superfície do corpo, além de representar a superfície do aparelho mental.* [...] [Ou seja] o Eu consciente é, sobretudo, um **Eu-Corpo**. (FREUD, 1923, 2006c, p. 38, grifo nosso).

Seria, portanto, possível assegurar que a unidade Eu pode se formar porque existe a unidade Corpo? Sobre isso, só podemos afirmar que há de fato uma aproximação – mas, também, um distanciamento - entre o Eu e o corpo orgânico, posto que, quando um bebê nasce, seu corpo orgânico já existe; porém, seu Eu terá, ainda, que se formar, demonstrando a enorme complexidade destas relações.

Também - sendo o Eu consciente, sobretudo, um Eu corporal - aquilo que ocorre no nosso corpo teria reflexos no Eu? E, do contrário, aquilo que ocorre no Eu pode ser refletido no corpo orgânico? Estas são perguntas valiosas e nos remetem novamente à questão dos intercâmbios possíveis na “dualidade” psíquico/somático e que devem fazer qualquer profissional da saúde não perder de vista as consequências de onde sua prática pode incidir, ao tratar (mental ou fisicamente) um ser humano.

Pois bem, podemos, agora, nos aprofundar no exemplo da doença orgânica e da hipocondria que, como Freud já vislumbra em 1914, demonstra claramente uma alteração na distribuição da libido, posto que o doente recolhe seu interesse do mundo externo e se concentra no órgão afetado. Ou seja, fica mais do que claro que uma alteração no corpo orgânico – um adoecimento material dos órgãos - pode propiciar uma alteração na dinâmica psíquica (como no caso da doença orgânica), bem como uma alteração da dinâmica psíquica pode propiciar uma alteração do funcionamento do órgão (como no caso da hipocondria ou da conversão histérica).

Após esta descrição dos fatores tópicos, que obrigaram Freud a rever sua teoria pulsional, vejamos a descrição da segunda teoria pulsional freudiana.

Terceira Parte: a Segunda Teoria Pulsional Freudiana

Para iniciar a descrição sobre a segunda teoria pulsional, lembremos que foi por perceber uma contradição entre pulsões que estavam direcionadas a objetos externos e pulsões que eram retiradas dos objetos (ao que Freud, em 1914, nomeava de amor X egoísmo), que Freud, inicialmente, considerou plausível postular a dualidade “pulsões do Eu X pulsões sexuais”: “Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas, no final, precisamos começar a amar, para não adoecer, e iremos adoecer se, em consequência de impedimentos, não pudermos amar.” (FREUD, 1914, 2004b, p. 106).

Porém, ao se aproximar mais da análise do Eu, Freud teve de reconhecer que parte das pulsões do Eu era, também, de natureza narcísica, isto é, tomara o próprio Eu como objeto.

O quadro estava se desenhando da seguinte maneira: 1) Se, por um lado, estava constatada a existência de pulsões autoeróticas (satisfazem-se no próprio corpo), também, existem as pulsões que precisam de um objeto externo ao corpo para se satisfazerem, e 2) Se, por um lado, estava constatada a existência de pulsões de autoconservação (comer, respirar, etc.), também, existem as pulsões que, se destacando das pulsões de autoconservação, buscam estritamente o prazer (por exemplo, o chuchar).

Portanto, como já anunciado, Freud estava tentando categorizar as pulsões, a partir da diferença entre Fome versus Amor, mas a questão das relações de objeto obrigou-lhe rever esta divisão. Sendo o próprio corpo, também, um objeto, mesmo que não alheio e sendo o próprio Eu, também, um objeto, mesmo que interno, Freud começou a perceber que existiam duas tendências opostas que não as de Fome e Amor: a tendência a matar o objeto (ódio) e a tendência a buscá-lo (amor). Tendências estas que nada mais são do que a oposição entre separar versus unir.

O problema estava justamente no fato de que o encontro/identificação com o objeto era, também, sua incorporação (fase oral) e, assim sendo, o objeto amado era, também, aniquilado. Foi, então, a ambivalência constatada na relação com o objeto que permitiu a Freud definir que existiriam pulsões que reclamam o objeto e outras que não.

Com isso, se, num primeiro momento, pelo fato da identificação Eu – mundo externo ser absoluta para o bebê, o que vigora é a não existência do objeto (e, conseqüentemente, do próprio indivíduo). Sendo que essa não existência do objeto, dificilmente, se mantém, pois:

As pulsões sexuais, que, desde o início, reclamam um objeto, assim como as necessidades das pulsões do Eu, que nunca se satisfazem de maneira autoerótica [precisam do objeto externo, como, por exemplo, a

fome precisa de alimento], naturalmente, perturbam esse estado [*de narcisismo primordial*] e preparam os progressos posteriores. Por certo, o estado narcísico primordial não poderia seguir aquele desenvolvimento, se cada ser vivo não passasse por um período de desamparo e de cuidado, durante o qual suas necessidades urgentes teriam sido satisfeitas por agentes externos, e, com isso, seu desenvolvimento teria sido barrado. (FREUD, 1915, 2004c, p. 171, grifo nosso).

Portanto, Freud demonstra que o fator fundamental no desenvolvimento do aparelho psíquico não será, necessariamente, a oposição entre pulsão do Eu X pulsão sexual, mas a existência de pulsões que reclamam um objeto e outras que não, sendo que, já em 1915, no texto “Pulsão e os Destinos da Pulsão”, Freud nos demonstra essa dupla tendência pulsional: “Na medida em que é autoerótico, o Eu não necessita do mundo externo. Entretanto, devido às experiências das pulsões de autoconservação, o Eu passa a receber os objetos do mundo externo.” (FREUD, 1915, 2004c, p. 158).

Freud permaneceu, ainda, algum tempo desenvolvendo esta discussão e, em 1920, com o texto “Além do Princípio de Prazer”, trouxe nova luz à questão, a saber: todo organismo guarda em si duas tendências fundamentais, tensionar e distender. Assim sendo, Freud reitera suas concepções e “distingue duas espécies de pulsões: aquelas que visam a conduzir a vida à morte (distender) e aquelas que, continuamente, estão almejando e realizando a renovação da vida (tensionar), as pulsões sexuais.” (FREUD, 1920, 2006a, p. 168). Ou seja: há “duas espécies de processos opostos que se encontram constantemente em ação na substância viva: um construtivo ou assimilatório e outro demolidor e dissimilatório.” (FREUD, 1920, 2006a, p. 171).

Portanto, para não morrer, o organismo precisa de influências renovadoras, posto que, se deixado por sua própria conta, necessariamente, morrerá. Com isso, à tendência assimilatória, Freud dará o nome de pulsão de vida e, à tendência dissimilatória, o nome de pulsão de morte. Podemos perceber que, para além da divisão entre Fome X Amor, Freud definiu

como as chamadas “pulsões originais” as, então nomeadas pulsões de vida e de morte, que guardam, respectivamente, a tendência à construção/união e a tendência à destruição/separação.

No entanto, ambas as classes de pulsões não se encontram, inicialmente, separadas e Freud evidencia que uma deriva da outra, sendo esta **uma** equação, porém, de **duas** incógnitas: se, por um lado, há a tendência ao escoamento total de estímulos ou ao menos a mantê-los constantes, por outro, não será somente o mundo externo o portador de estímulos perturbadores, mas o próprio corpo é uma das principais fontes de estímulos que perturbam a tranquilidade.

Consequentemente, existem processos que ocorrem à revelia do princípio de prazer, à revelia da tranquilidade, sendo, o próprio corpo, um dos principais oponentes a este princípio. Em resumo, podemos referir que, no ano de 1924, fica estabelecido um terceiro momento da teoria pulsional freudiana, no qual o problema da economia psíquica fica definido, por Freud, mais claramente no texto “O Problema Econômico do Masoquismo” (1924). Nesse texto, três princípios ficam mais bem fundamentados: o princípio de Nirvana, o princípio de prazer e o princípio de realidade.

Se, antes, havia certa confusão entre princípio de Nirvana e princípio de prazer, Freud esclarece, a partir de 1924, uma correlação mais direta entre o princípio de Nirvana e a tendência à inércia da pulsão de morte, entre o princípio de prazer e as reivindicações da pulsão de vida e entre o princípio de realidade e a influência do mundo externo. Vale, ainda, lembrar que:

Nenhum desses três princípios destitui o outro do poder. Aliás, em geral, eles sabem conviver bem uns com os outros, embora, é claro, conflitos ocasionais sejam inevitáveis, pois um lado privilegia a *redução quantitativa* da carga de estímulos, o outro, as *características qualitativas* dessa redução de carga, e o terceiro, um adiamento do escoamento de estímulos acumulados, exigindo uma *aceitação temporária* da tensão gerada pelo desprazer. (FREUD, 1924, 2006d, p. 107, grifo nosso).

Portanto, contradições e conflitos poderão ocorrer e se faz imprescindível considerar “os três lados dessa moeda”, quando algum estudo sobre a clínica da psicanálise é proposto e, especialmente aqui, para refletirmos sobre a problemática psíquico/somático.

Façamos, então, algumas considerações finais acerca do exposto, destacando alguns pontos de relevância referentes à temática abordada e explicando, brevemente, alguns “furos” que decidimos não expor neste artigo, objetivando uma explanação didática ao leitor.

Considerações Finais

Como o leitor pode observar, com base na argumentação destacada neste trabalho, o ponto de vista freudiano, a partir do vértice econômico de sua metapsicologia, nos oferece ricas contribuições para o avanço da reflexão acerca da problemática psíquico/somático.

Estes foram alguns pontos sublinhados neste trabalho:

- a noção de que Freud teve, no mínimo, três momentos específicos em sua obra, no que se refere à sua teoria pulsional;

- o conceito de pulsão no limite entre o psíquico e o somático, e;

- a inevitável implicação dupla de qualquer prática que ingenuamente se pretenda incidir apenas no “campo” psíquico ou apenas no “campo” somático;

Ora, com este texto, o leitor pode ser levado, no mínimo, a considerar que não é possível embasar-se em apenas um texto freudiano, para referenciar qualquer ponto de vista próprio, mas que deve ter noção da amplitude da obra de Freud. Pode, também, (realizando o devido aprofundamento na leitura de Freud), evidenciar a estreita relação de incidência nestes dois “campos” e pode, afinal, se perguntar: na especificidade de cada paciente atendido por mim,

eu tenho a clara noção das consequências psíquicas e somáticas da minha prática?

Assim, na especificidade das práticas em saúde, o exclusivo uso de medicamentos, por exemplo, ou das inúmeras intervenções físicas, que pode sofrer um paciente, provavelmente, não serão eficientes, quando não houver uma concomitante consideração sobre como esse paciente vivenciará tais intervenções e sobre a própria relação estabelecida entre o profissional de saúde e o paciente. Ou seja, o sucesso das práticas em saúde está diretamente vinculado à dupla consideração das dimensões orgânicas e psíquicas envolvidas no tratamento.

Com isso, este trabalho buscou evidenciar, de maneira didática, certa impossibilidade e arbitrariedade resultante da cisão mente/corpo que justifica o direcionamento de tratamentos em saúde, apenas, para a doença e não, concomitantemente, para o doente. Tal arbitrariedade está em promover tratamentos apenas para os efeitos da doença e não para suas causas, sendo, pois, evidente a ineficiência de inúmeras práticas em saúde que se sustentam, conscientes ou não disso, sob a base da dicotomia mente/corpo.

Para concluir, como vimos no desenvolvimento deste texto, forças tais como a busca de prazer, de inércia, de afastamento e aproximação da realidade, de separação e união sujeito/objeto, entre outras, são uma constante no funcionamento humano e variam apenas em termos proporcionais. Ou seja, ao que tudo indica, é de caráter emergencial, uma revisão na base das práticas de saúde que consideram, erroneamente, uma dicotomia mente/corpo, pois esses são **dois** lados de **uma** mesma moeda. Ou seja, corpo orgânico e aparelho psíquico se aproximam **E** se afastam, em maior e menor grau, dependendo de circunstâncias específicas, patológicas ou não. Isso fica claro, quando lembramos, por exemplo, do quanto um problema orgânico, como a amputação de uma perna, pode alterar nosso funcionamento psíquico e o quanto nosso funcionamento psíquico pode alterar nosso corpo, a exemplo de uma gravidez

psicológica. O posicionamento dual que separa, por exemplo, a área da medicina da área da psicologia, indica ser, pois, errôneo, epistemologicamente, o que resultaria, inevitavelmente, em erros de tratamento. Talvez, devamos atingir um posicionamento paradoxal, por assim dizer, sobre a clássica dicotomia mente/corpo. Tal é a importância de avançarmos neste questionamento, na tentativa de contemplar com maior justeza a complexidade do funcionamento humano, evitando priorizar um ou outro “lado da moeda”, mas conquistar uma dupla visada e, assim, nos prevenirmos contra erros e alcançarmos maior eficiência nas propostas de tratamentos de saúde.

Referências

DURSKI, L. M. *Entre o psíquico e o somático: um estudo, a partir das obras de Freud e Winnicott, sobre os limites e as possibilidades da clínica psicanalítica*. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/psicologiamestrado/files/2011/03/Trabalho-de-Disserta%C3%A7%C3%A3o-LIGIA-MARIA-DURSKI1.pdf>>. Acesso em:

FREUD, S. *Alguns pontos para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969a.

_____. *As neuropsicoses de defesa*. Rio de Janeiro: Imago, 1969b. v. 1.

_____. *Histeria*. Rio de Janeiro: Imago, 1969c. v. 1.

_____. *Projeto para uma psicologia científica: (1895)* Rio de Janeiro: Imago, 1969d. v. 1.

_____. *Rascunho e: como se origina a ansiedade*. Rio de Janeiro: Imago, 1969e. v. 1.

_____. *Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada neurose de angústia*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 1.

_____. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. São Paulo: Imago, 1997. (Edição Especial).

_____. *A interpretação dos sonhos*. São Paulo: Imago, 2004a. (Edição comemorativa 100 anos).

_____. *À guisa de introdução ao narcisismo*. Tradução de Luiz Alberto Hanns. São Paulo: Imago, 2004b. (Obras Psicológicas de Sigmund Freud, v.1).

_____. *Pulsão e os destinos da pulsão*. Tradução de Luiz Alberto Hanns. São Paulo: Imago, 2004c. (Obras Psicológicas de Sigmund Freud, v. 1).

_____. *Além do princípio de prazer*. Tradução de Luiz Alberto Hanns. São Paulo: Imago, 2006a. (Obras Psicológicas de Sigmund Freud, v. 2).

_____. *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos*. Tradução de Luiz Alberto Hanns. São Paulo: Imago, 2006b. (Obras Psicológicas de Sigmund Freud, v.2).

_____. *O eu e o id*. Tradução de Luiz Alberto Hanns. São Paulo: Imago, 2006c. (Obras Psicológicas de Sigmund Freud, v. 3).

_____. *O problema econômico do masoquismo*. Tradução de Luiz Alberto Hanns. São Paulo: Imago, 2006d. (Obras Psicológicas de Sigmund Freud, v. 3).

Recebido em: 04 dez. 2013.

Aceito em: 31 mar. 2014.